

Fio da meada

Por Vanessa Henriques

Caligrafia é uma arte, dizia minha professora do primário. É preciso praticá-la, aperfeiçoá-la e até mesmo adorá-la até que ela se torne natural. Passado o curto inicial da alfabetização, quando você só se preocupa em entender o que esse tal de 'a' significa, passamos à árdua tarefa de fazer direito a curvinha desse mesmo 'a'.

Os cadernos de caligrafia são o terror de qualquer pessoa nesse processo. São linhas e mais linhas daquele mesmo 'a' que insiste em sair do trilho. Tempos difíceis? Nem tanto, afinal muita gente trocava de olhos fechados o trabalho atual por algumas sessões de caligrafia. Os # referenciais mudam, e nosso 'a' também.

Com o tempo as lições da professora vão ficando esquecidas, lá no fundo da memória, e já nos aventuramos a todo tipo de impropriedade caligráfica: misturamos estilos de letras maiúsculas com minúsculas, não escrevemos em um só fôlego como fazem nossas mentoras, sem tirar o lápis do caderno até terminar a palavra nem mesmo respeitamos o espaço 'de um dedo indicador' que marca o início de um parágrafo.

Somos mesmo uns rebeldes sem causa, dirão nossas professoras. E se não fosse essa rebeldia saudável escreveríamos todos da mesma maneira, sem imprimir nossos sentimentos e antipatias por certas regras e letras — eu particularmente detesto a letra 'h', que sempre causou transtornos por figurar no início de meu sobrenome.

Se for para escrever igual, melhor digitar no computador, assim fica tudo padronizado, certo? Errado, e aqui inicio uma teoria que poderá ganhar alguns adeptos. O texto concluído, diagramado e alinhado, excede toda uma poesia que encantaria aquela professora do início desta prosa.

Não me refiro às curvas sem graça que a fonte Times New Roman imprime aos textos, mas sim ao processo anterior. Esqueça a caligrafia, vamos falar

